

Ciência e fé no pensamento do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ.

· Analupe Bheatriz Carneiro

Resumo

O Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz nos legou profundas análises acerca do que ele mesmo denominou o “enigma da modernidade”. Enigma no qual se revela por conter o maior dos questionamentos, justamente por ser este um questionamento pertencente à ordem ontológica: como explicar “O existir”. O maior dos questionamentos do ser do homem continua sendo de natureza teológica apesar de todo avanço tecnológico de que a humanidade desfruta. Porém, há um componente ateu na modernidade. O ser humano se autodeterminou o seu próprio fundamento fazendo de si o princípio imanente e conseqüentemente absoluto. Qual o papel desempenhado pelo progresso científico neste fato? As reflexões de Pe. Vaz, especificamente voltadas para esta temática, nos auxiliarão no intuito de encontrar um centro conciliador entres estas duas formas de explicação do ser humano: a linguagem da fé e a linguagem da ciência.

Palavras-chave: Fé, Ciência, modernidade, sentido.

1. INTRODUÇÃO

A Idade Média foi um período caracterizado pelo predomínio teórico da religião cristã e a ciência desenvolvida no período em questão fundamentava-se por uma orientação transcendente da subjetividade do homem, ou seja, uma compreensão do mundo baseada numa hermenêutica contemplativa e de influência grega em muitos aspectos, como por exemplo, a idéia de um cosmo ordenador e a rejeição da matemática como instrumento de prova e demonstração. Com o advento da modernidade, entendida aqui como um novo universo teórico, de inflexão antropocêntrica, e que se engendra a partir das transformações culturais ocorridas nos fins da Idade Média¹, a relação do homem com a ciência sofre uma profunda modificação, devido à guinada da racionalidade moderna, que postula o próprio sujeito como o princípio de inteligibilidade máxima.

Nesta relação objetiva do homem com a ciência verifica-se uma inversão de paradigma no qual ocorre a substituição da visão contemplativa do mundo por uma racionalidade técnica e instrumental que se faz valer e afirmar por experiências empíricas e mensuráveis. Esta racionalidade empírica e formal que se estabelece com a modernidade, insere-se no fazer e agir do sujeito a partir da revolução científica galileiana, que altera substancialmente os fundamentos teóricos nos quais se pautava a filosofia clássica e de sua idéia de cosmos, tornando a natureza o lócus de novas experiências e conhecimentos segundo a vontade humana e não mais de uma vontade exterior a consciência. Para Lima Vaz a consequência maior desta inversão de paradigma está em que o ser humano se vê em confronto direto com o grandioso projeto da tecnociência que envolve todos os matizes do universo de razões até então construídos, fazendo do criador transcendente uma criatura inserida num eterno ritmo de mudança e crescimento material.

¹ A historiografia moderna define cronologicamente o fim da Idade Média nos séculos XIV ao XVI, período culturalmente conhecido como Renascimento. Ver: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**, p.185-198.

2. DESENVOLVIMENTO

A modernidade efetiva a atividade *poiética* (conhecimento fabricante) do sujeito através da passagem do mundo natural para o mundo técnico e este fato se desenvolve nas raízes mesmas do processo de constituição da modernidade. Em outras palavras, o mundo objetivo será ele mesmo objeto de estudo e transformação, neste processo de objetivação da realidade, pelo pensamento antropocêntrico, a instauração de certos elementos foram imprescindíveis, como a física de Newton, o movimento intelectual dos Iluministas e os avanços da ciência nos séculos posteriores ao Renascimento. Segundo Vaz:

A inflexão propriamente antropocêntrica da Razão só será possível quando uma nova representação do mundo se substituir à representação cosmocêntrica e suscitar uma nova forma de saber científico. Seu horizonte epistemológico não se traçará mais sob as linhas da contemplação de um cosmos eterno, mas segundo as exigências metodológicas de uma operação que reconstrói o mundo[...] (VAZ, 1986, p.66).

A inflexão antropocêntrica da razão só se afirmará quando a revolução científica substituir a representação cosmocêntrica, que vigorou por todo o período medieval, pela representação da razão. Com o advento da modernidade o surgimento do eu cogitante cartesiano, como fundamento de certeza, e o sujeito desse *eu* como demiurgo do universo de razões, juntamente com a razão matemática e a experiência empírica como garantia de verdade, formam os novos princípios que suscitam na consciência humana um novo plano técnico de se relacionar objetivamente com o mundo. O racionalismo de Descartes fundamenta empiricamente e formalmente a metodologia da nova teoria científica, na qual a partir da razão pode ser atribuído ao sujeito, através do cogito, a identidade original em termos de inteligibilidade e verdade, pois, “*a estrutura fundante do cogito (...) evoca para si o privilégio de um começo absoluto*” (VAZ, 1997, p.155).

Podemos afirmar que toda filosofia moderna se estrutura para legitimar a ideia de progresso através da atividade cada vez mais construtora do pensar, agir e fazer do homem moderno, no qual “*a razão moderna opera num espaço de correlação entre a razão construtora do sujeito e a inteligibilidade construída do objeto*” (VAZ, 1995, p.62). Conseqüentemente, ao romper-se com o saber contemplativo, tido anteriormente como princípio organizador e final do conhecimento, não haverá mais homologia entre razão e universo como inteligibilidade e fundamento, fator que deslegitimará qualquer fundamentação transcendente para toda a realidade. Segundo Vaz:

(...) a efetiva dissolução do sagrado “natural” tem lugar a partir do triunfo do modelo mecanicista no século XVII. Este passa a ser, desde então, a única representação da natureza reconhecida pelo saber científico. Conseqüentemente a esse fenômeno de civilização que é o advento da idade da ciência, dá-se a progressiva perda do privilégio do credo cristão como centro de referência das idéias e valores até então dominantes no mundo ocidental. (VAZ, 1997, p.104)

Este fenômeno de civilização, que Lima Vaz atribui às transformações advindas com a ciência moderna, pode ser considerado como um processo de secularização das relações do homem para com o seu mundo. Sendo assim, a secularidade pode ser entendida como a expressividade da existência do homem moderno que, por se encontrar envolto por tanta tecnologia, acaba por abandonar o antigo espaço hermenêutico de matriz teológica. Mas o desaparecimento do mundo como grandeza teológica é um complexo fenômeno histórico e cultural, sobre isto Lima Vaz afirma:

O desaparecimento do mundo como grandeza teológica não é senão o reflexo, no terreno do saber, do seu desaparecimento como grandeza sagrada (fenômeno da secularização). Partindo desse ponto de vista, teologias da secularização, teologias da morte de Deus (ou do mundo sem Deus), exprimem a situação paradoxal (ou paralógica, mais exatamente) de uma teologia que não pode ler teologicamente o mundo, ou de um lógos da não visibilidade de Deus no mundo, ou ainda de um lógos, cujo objeto (Deus) se vê privado de qualquer mediação objetiva, pois toda relação objetiva passa, para o homem, pela mediação do mundo. (VAZ, 1986, p.234)

Assim, o campo da *poiésis*, que define a relação do homem com o mundo, sofre uma inversão direta em suas bases hermenêuticas devido aos novos fundamentos teóricos e práticos efetivados pela ciência moderna e que caracterizam a modernidade

como categoria explicativa do universo das razões que são, agora, elaboradas e codificadas pelo homem, enquanto ser pensante, situado e finito. A máxima filosófica que um dia afirmou o homem como medida de todas as coisas, finalmente é formalizada pela modernidade e cristalizada na vida prática pela razão instrumental no avanço vertiginoso da tecnociência. Mas, apesar de tanto progresso e de tantas conquistas no campo natural, físico e biológico, uma questão fundamental e de natureza genuinamente teológica ainda permanece.

Podemos afirmar que, a revolução científica afirmada pelo antropocentrismo moderno é um dos fatores constitutivos do universo simbólico da modernidade. Porém, o projeto cultural da modernidade, visto da perspectiva de um projeto que seculariza as relações do homem em todos os ramos de sua atividade a partir de uma nova relação do homem e seu mundo, traz em si uma inquietação que cresce à medida que esta relação também se modificada: como explicar o existir? Interrogação que se relaciona intrinsecamente com outra: qual o lugar da fé nesta cultura que fez da razão científica sua matriz de efetivação e submeteu todos os padrões de racionalidade a ela?

Na concepção de Lima Vaz, a modernidade traz em si um grande dilema para o homem contemporâneo: *“ou o Absoluto existe como ser-em-si e como criador e, então o homem é nada, ou o homem é o artífice real de si mesmo e do seu mundo e, então o Absoluto transcendente é uma quimera que deve ser exorcizada”* (VAZ, 1991, p.21). A solução deste dilema pode ser julgada pelo exemplo histórico da humanidade, pela demonstração caótica dos rumos conseqüentes das escolhas feitas pelo homem ocidental. Principalmente pelos horrores vivenciados no século XX, que atestaram de forma célebre a “desrazão” da razão em duas grandes guerras. O mal da cultura moderna está justamente na sua própria origem, pois o advento da modernidade apresenta o movimento paradoxal de produzir o contrário da sua intenção primeira, conseqüências verificadas principalmente pelas transformações advindas com a revolução científica, na qual, a intenção do conhecimento e a utilização da técnica acabam por produzir o desrespeito à própria natureza e mesmo sua destruição em escalas sempre mais preocupantes, em outras palavras, a racionalização da produção não apresentou soluções satisfatórias para as mais variadas privações humanas.

Paradoxal também é o lugar da fé neste novo universo simbólico de matriz racional e técnico, pois o mundo da fé e o mundo da ciência são mundos muito distantes no universo da compreensão e apreensão do ser humano, e dentre todas as categorias que estruturam estas duas linguagens de explicação do ser, podemos ressaltar a título de exemplo a categoria de utilidade, categoria tão presente no campo científico, mas que não pode ser aplicada à gratuidade do ato da fé, e é justamente neste fato que se encontra a maior dificuldade para o exercício da fé num mundo dominado pela técnica: Qual é a sua utilidade?

A modernidade se desenvolve pautada na concepção de que a razão é infalível e é capaz de realizar todas as obras construindo assim a “*cidade dos homens*” (VAZ, 2002, p.168), enquanto “*titânico projeto histórico do homem ocidental*” (VAZ, 2002, p.168) inserido numa civilização alheia a uma referência transcendental, sem um fundamento que a tencione ao Sagrado para legitimar a realidade. A substituição do fundamento transcendente, ou seja, do Absoluto real (Deus), que antes orientara tão coerentemente todos os campos do saber e do agir e que agora são definidos pelos ditames do antropocentrismo moderno, acaba por estabelecer uma realidade conceitual que prescinde toda e qualquer dimensão fundante e absoluta.

Não obstante, os efeitos paradoxais da razão moderna abalaram profundamente o projeto moderno de autonomia do ser humano. E é neste dilema, neste paradoxo da cultura moderna que, para Lima Vaz, se situa o ponto “nefrálgico” da modernidade, que tenta vetar, através da razão instrumental que a sustenta, a reflexão sobre as questões sobre a fé e conseqüentemente sobre o sentido do ser. Porém, ao mesmo tempo, a conscientização das vicissitudes negativas da imanência da história e da imanência do sujeito, reabrem para o sujeito a possibilidade de retornar sua atenção para a dimensão de um sentido transmundano, reabrindo para o sujeito pensante o questionamento em torno da crença em uma estrutura ternária que possa reorientar o ser humano.

3. CONCLUSÃO

Sob um enfoque essencialmente filosófico vimos que, a modernidade, no processo constitutivo de sua formalização, priorizou a emergência de uma subjetividade que se proclama fonte de sentido, fundando no próprio sujeito pensante o Princípio ordenador que atribui significado a todas as instâncias do pensar, do agir e do fazer. A modernidade foi palco dos progressos da ciência e da técnica, consequência direta da razão operacional proclamada nos séculos XVII e XVIII, derivada da exigência de uma razão autônoma oficializada pelo cogito cartesiano. Assim, a estrutural metafísica pautada no exercício da fé, pela qual o homem medieval estabelecia um nexos com a realidade e que oferecia a si próprio um universo carregado de sentido, é profundamente abalada em seus mais íntimos fundamentos.

Todo sistema teórico da modernidade e, conseqüentemente todas as demais esferas da criação humana são negadas ou justificadas, em seus fundamentos, pelo sujeito pensante. Neste processo histórico-filosófico se verifica a instauração de uma crise de civilização como causa indireta desta primazia projetada na razão como referência universal, processo que se afirma principalmente devido à ciência moderna. Não obstante, o poder de explicação da ciência reside e limita-se na possibilidade de transpor para o mundo real a inteligibilidade dos sistemas formais. A experiência da fé, que possibilita uma genuína experiência de transcendência, não está limitada à experiência ou à demonstração, ela não somente responde a questão última do porquê da existência como confere um real sentido para o homem e para a História.

O pensamento filosófico de Lima Vaz não proclama oposição aos avanços da ciência moderna, porém expõe uma atitude pessoal de fé, que não esconde seu dissabor com os rumos tomados pela civilização ocidental, que substituiu por uma imanência absoluta o princípio transcendente que direcionava e acolhia o ser em seus mais variados aspectos. A esperança de Lima Vaz encontrava-se na possibilidade de que o homem do século XXI, que se verá cada vez mais inserido numa cultura extremamente técnica, proponha, mesmo que em novos termos, a questão da fé como um problema existencial, encarada como exigência de sentido e horizonte ético. O que conseqüentemente revelará a exigência de um transcendente absoluto que se eleva acima do sujeito, do mundo e da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1990.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia filosofia I**. São Paulo: Loyola, 1991.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia I**: Problemas de fronteira. São Paulo: Loyola, 1986.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia III**: Filosofia e Cultura. São Paulo: Loyola, 1997.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia VI**: Ontologia e História. 2ªed. São Paulo: Loyola, 2001.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia VII**: raízes da modernidade. São Paulo: Loyola, 2002.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Ética e Razão Moderna**. *Síntese Nova Fase*. V.22, nº 68, 1995, p.53-85.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Fé e Ciência: duas linguagens para uma verdade**. *Revista Magis Cadernos de Fé e Cultura*, nº18, 1995, pp.2-27.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Religião e Sociedade nos últimos vinte anos**. *Síntese Nova Fase*. V.15, nº 42, 1998. p.27-35.

